



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

DEVOLUÇÃO DAS TERRAS AO ESTADO DO PARÁ

Belém, PA
24 de novembro

«Voltei ao Pará para realizar um gesto histórico, devolvendo aquilo que há tanto tempo os paraenses reclamam: as terras que pertenciam ao Pará e que estavam incorporadas ao patrimônio da União»

Brasileiras e brasileiros dessa região. Povo do Pará.

Esta é a sexta vez que visito o Pará. Já estive aqui durante as obras de Tucuruí, já estive três vezes em Carajás, duas delas acompanhando presidentes de outros países, como o Presidente Raúl Alfonsín, da Argentina, e o Presidente Mário Soares, de Portugal, para mostrar a eles o que o Brasil tinha do seu futuro. E a melhor coisa que eu pude mostrar foi Carajás, esta riqueza inesgotável do povo brasileiro, localizada no coração do Estado do Pará.

Voltei, depois, para juntar-me ao povo desta terra, na sua devoção maior por Nossa Senhora de Nazaré, acompanhando a procissão do Círio. Voltei depois para ir a Barcarena inaugurar a maior fábrica de alumínio de toda esta região e a segunda fábrica do Brasil. E volto hoje, justamente para praticar um ato histórico, que eu poderia ter feito no meu gabinete, mas quis vir aqui numa homenagem aos homens e às mulheres do Pará, que há tanto tempo reclamam a devolução, ao Pará, daquilo que faz parte do Pará e que faz o Pará: as terras do Pará.

Não somente as terras do Pará, mas as terras do Amazonas, as terras de Rondônia, as terras do Maranhão, as terras do Amapá, as terras do Acre, as terras de Mato Grosso, enfim, aquelas terras que estavam incorporadas ao patrimônio da União, mas que pertencem ao patrimônio desses estados.

Foi uma reivindicação que começou com o governador Jáder Barbalho, que continuou com as bancadas dessas regiões na Câmara dos Deputados, que continuou com o governador Hélio Gueiros, e que agora eu tive a satisfação de assinar, restabelecendo esse direito, que é um direito fundamental que cada estado tem de ter aquelas terras que pertenciam a eles, que foram fundadas com eles, que são marcos geográficos, que são pedaços do coração do povo, porque são terras que ainda pertencem ao presente, ao passado e ao futuro.

Mas eu não quero vir somente ao Pará, hoje, para fazer um ato de justiça. Eu quero vir ao Pará, hoje, para associar-me ao povo paraense na visão do futuro deste grande estado. Eu quero vir ao Pará para dizer ao povo paraense que aqui não há lugar para nenhum pessimismo.

O Pará é um dos estados mais ricos do Brasil e aqui se conjugam condições capazes de em breve esta riqueza estar a serviço total das brasileiras e dos brasileiros que habitam este rincão da nossa Pátria.

Vejo Carajás, com as minas de ferro, de ouro, de prata, de nióbio, vejo-o com as minas de cassiterita, com as minas de bauxita. Vejo em Carajás a maior província mineral do mundo, que terá ferro para explorar durante 400 anos, para que se tenha noção do volume que ali existe.

Mas eu não vejo Carajás somente como Carajás está hoje: eu vejo Carajás em breve recebendo o gás do Urucu, do petróleo descoberto na Amazônia. Vejo, trazendo este gás, reduzindo o minério de ferro a ferro-esponja e criando-se naquela área, pela primeira vez no interior do Brasil, um grande pólo de desenvolvimento industrial desta Pátria.

A indústria do Brasil só habita a costa, na costa do mar, mas agora ela vai ter que se interiorizar, porque Ca-

rajás, Urucu, Tucuruí, a Norte-Sul, tudo isto, conjugado, está aí para fazer a grande revolução do interior do Brasil. Nós, portanto, não temos senão motivos para ver o futuro com os olhos do futuro. É preciso que se dê ao povo a noção exata do quanto o Brasil foi capaz de fazer esta grande Nação, do quanto os brasileiros, pelo seu trabalho, foram capazes de construir a oitava economia do mundo. Portanto, é com este espírito, com a certeza de que cumpro com o meu dever, que aqui chego de coração aberto, saio de coração sem ressentimento nenhum, porque eu conheço o povo do Pará. E no coração do Presidente Sarney jamais houve lugar para ressentimento ou jamais houve lugar para não encarar as coisas como as coisas são.

Eu sou o Presidente deste País — e é com orgulho que vou levar o título do que esta época foi quando o País teve mais liberdade, até a liberdade de se procurar não deixar os outros terem liberdade.

Sou o Presidente que despertou para o setor social. Eu vejo as faixas da LBA aqui. Ouçam: quando eu assumi o Governo a LBA era uma; hoje é outra; ela subiu, multiplicou-se três vezes. Hoje, a LBA atende nove milhões de brasileiros, das crianças que precisam de alimentação às mulheres gestantes, às mulheres que estão amamentando. E tudo isto feito no Brasil inteiro pelo trabalho do Governo, que destinou à LBA quantias muito grandes, como nunca antes tinham sido destinadas.

Ouçam: para que se veja até onde não querem ver o Governo trabalhar, não querem e não deixam o Governo trabalhar.

De um lado, há os que recebem da LBA, que já atende a muito sofrimento, os que trabalham na LBA; de outro, os pregadores de inverdades, que dizem no Pará que a LBA vai acabar. Ora, se o povo já sofre tanto, para que levar mais sofrimento ao povo apenas para fazer política? Aí estão os programas sociais, o leite, distribuído a quatro milhões e meio de crianças no Brasil inteiro. O Presidente Sarney é o Presidente que não se conformou com a afirmação de que este País seria apenas a oitava potência econômica do mundo. Ele quis ver o povo e desceu para os programas sociais, sabendo que o povo que sofre, este, não

escreve os editoriais contra o governo, e jamais esquecerá aquilo que o Presidente fez, reconhecendo ao povo o direito que ele tem.

Ao povo brasileiro, ao povo do Pará, eu quero repetir aquilo que eu disse outro dia em Goiânia e Porangatu. Tenho o direito, o direito que ainda não foi assegurado, que é o direito de o interior progredir, e o interior vai progredir com as obras que estão sendo começadas e que vão ser deixadas, e o Pará será um dos pólos maiores desse desenvolvimento nacional.

Eu me congratulo com o governador Hélio Gueiros pelo trabalho que está realizando, eu me congratulo com o ministro Jáder Barbalho pela ajuda que está me dando no Ministério da Reforma Agrária, eu agradeço à bancada do Pará e dos estados desta região todo o apoio que têm me dado para exercermos o programa de Governo que estamos exercendo.

Portanto, as minhas últimas palavras são palavras de carinho e de agradecimento, pelo carinho que recebi nas ruas, das mulheres e dos homens do Pará, pela compreensão das dificuldades do Governo, pelo afeto deste povo paraense que eu aprendi a amar desde minha juventude, quando tantas e tantas vezes aqui passei. Pará e o meu estado, o Maranhão, nasceram juntos. Foi de São Luís que saiu Francisco Caldeira Castelo Branco para fundar a cidade de Belém do Pará, para entrar no Rio Amazonas, plantar as cruces da civilização, em cidades que têm no nome a saudade de Portugal, cidades que têm o nome de Alenquer, cidades que têm o nome de Santarém, cidades que têm o nome de Belém, e que trazem a carga da saudade dos povos que aqui chegaram e que vinham de outras pátrias.

Às brasileiras e brasileiros do Pará, o meu agradecimento. Eu não venho aqui para somente cumprir o direito que o Pará tem, eu venho também para cumprir o meu dever. E ao povo do Pará, o meu coração agradecido, para que juntos possamos caminhar no futuro, como caminhamos na procissão do Círio.